

luz de um negro candelão colado á parede, a figura alta e desarmada da infeliz mulher que na igreja lhe havia pedido uma esmola, estreitando entre seus braços convulsos os inditosos filhos, dos quaes um dellés já era cadaver!

Desgracada! murmurou com angustia a illustre dama, e eu agora é que lhe trazia os soccorros!

«E' mai tarde, senhora.»

«Foi o que se lhe respondeu a infeliz mulher cahindo redondamente no chão com seus dous filhos para não mais se levantar.

Estava morta!

A dama deu um segundo grito e desentou, porém recomendo-se logo, ponde ouvir o pranto de um dos filhos da infeliz mulher que ainda vivia.

O outro estava morto desde a noite anterior.

A vista de uma scena tão horrorosa, tralou o cocheiro de apardar sua ama d'esse sinistro lugar, ao que ella acobou levando em sua companhia o desventurado filho da viuva.

Na manhã de dia seguinte os sinos do S. Cielito dobavam pela alma da mulher má. Agradada dessa catedral, cujo enterro foi feito conjunctamente com o de seu filho.

Um genio immenso seguia o cortijo fúnebre cheio de fervor e santo respeito.

III

Passarão-se alguns annos ao depois que se deu tão triste successo, quando um noute

O sacerdote foi introduzido em um quarto sumptuoso onde encontrou moribunda uma dama de cabellos brancos, porém de semblante farnoso.

Um mudo estava ajoelhado junto ao leito murmurando orações entre soluços e lagrimas.

«E' vossa mãe que expira, perguntou o sacerdote attonecido!

«Não, é minha beneficitora, respondeu soluçando o moço.

«Entho tentai-vos por alguns momentos, lhe diz o sacerdote.

A confissão fô larga e interrompida por terríveis accessos nervosos.

Sobre a madrugada a miribunda dama chamou o desolado moço que se achava numa ante-sala e lhe disse em presença do sacerdote:

«E's o meu unico herdeiro, Miguel. Ac-ti n' penso recomensar a injusticia que commeti com a tua pobre mãe. Ella me pedia uma esmola para seus filhos que morriam de fome, e eu deixei de lhe dar; tua mãe e irmo morrerão victimas da minha mal intencionada idade.

«Entho eu era joven e bella, e em pouco annos envelheci torturada pelo remorso. Ha muitos dias que a morte adeja em redor de mim, e uma febre lenta me devora pouco a pouco a existencia. Ouço como igna voz que me diz:

— Espera tu, como fizeste esperar a pobre mãe desvalida!

— Minha salvacão é duvidosa, a morte horrivel daquelles dous entes infelizes pesa sobre o meu coração como uma lousa. Assim, neste momento supremo invoco o teu perdão.

O moço ao ouvir pela primeira vez a revelação da maneira porque morrera sua mãe e irmão soltou um grito de desesperação, escondendo o rosto no peito do veneravel ministro do Senhor.

O resto da noite foi terrivel visto que a morte da dama se prolongou até o amanhecer.

O moço o sacerdote oravaõ de continuo aos pés da seu leito prodigalizando-lhe a consolação evangelica em uma hora tão estreita.

A dama em seus delirios não cessava em repetir:

«E' mai tarde, senhora.»

Eão as ultimas palavras que a pobre viuva pronuncia ao expirar de fome.

A aquellas palavras forão a companheira inseparavel da morte de quem exercia a caridade depois de buscar na realidade des-carnada a origem do soffrimento e da miseria.

A fome, sempre é fome, seja por vicio ou por desgraça, e ai daquelle que espera pelo dia de amanhã para soccorro-la.

POESIA.

Amor.

*Amor murmura na passagem rapida
A briza incauta ao suspirar da flor,
A flor ao zephyro se lhe beija o collo
Diz-lhe sorrindo a soluçar, amor.*

*A meiga rôla a pipitar nas mattas
Desde o primeiro alvorecer da aurora
Só tem mil beijos de amor pipita
Junto ao osopo que seu peito afiora.*

*Du noite a virgem forasteira e bella
Que a fronte sua son cessar magoa...
Reflete amores no tremor suave
Das brancas ondas da gentil lagoa.*

*Amor eu bebo no perfume grato
De cada flor ao desabrir faguero,
E a sombra amena do laranjal florido
Eu sonho e escuto meu amor primeiro.*

*Amor murmura o palmeiral sombrio
Onde a tardinha o sabia gorgeia,
A vaga diz-me susurrando, amor
Quando se lança a se quebrar na areia.*

*Amor escuto no regato aneno
Que na lajôa a murmurar sorri,
Amor na folha, no volver da brisa,
Na luz de uns olhos que brilhantes vi.*

*A virgem meiga que suspira a noite
Pendendo a fronte do seismar na flor,
Tem em seu peito, que explicar não pôde,
Sonhos doirados de perenne amor.*

*Amor eu vejo no sorrir do joço,
Na fronte branca do anjoão que implora...
No flor, nos astros, no sorrir da virgem,
Na manna vaga que na praia chora.*

*Amor é tudo—moçilato e cido,
Futuro e crente so em si translaç.
—Sublime fogo que nos ossos seintilla,
E em nossos peitos recepobera a luz.*

—MELENTADES.

NOTICIARIO.

— **O anno bom.**— Conserva ainda Janeiro o mesmo nome com que era designado entre os romanos. O ão ligete d'ois Jano deixou-os, porém, alguma coisa mais que o nome de um mez; deixou-nos tambem vestigios de suas festas.

A religião nova não desdenhou herdard da velha o significar para si tudo o que nella encontrou de aproveitavel. Tambem por isto a accusarão, sendo alia clarissimo o documento que assim dava do tolerancia, força e politica e ao mesmo tempo altissima e divina lição aos que, por não comprehendem a unidade do mundo, pensão que o primeiro acto de cada seculo deve ser quar-mag em monte, e sem escolha, toda a herança do passado. Sim, o christianismo creou quanto era mistar crear-se; mas quanto era justo conservar-se, conservou-o.

De a nov pulari sob o mente se usão com a denominação de boas festas.

Em honra de Jano vestião os romanos suas galas mais alegres para irem ao Capitolio dar graças pelo anno findo e implorar venturas para o novo, empregando o dia em visitarem-se uns aos outros: nós tambem usamos das nossas galas no mesmo dia: encetamol-o pelo templo, continuamol-o e continmol-o com procurar á todos aquelles com quem a parentesco, a amisale, os beneficios, o respeito ou o dependencia nos ligarão. Presenteavão-se os romanos com tamaras, figos e mel branco em visthas brancas: presenteamo-nos ainda nós outros com delicadas confeitarias, lão os Senadores e Patriços saudar no Patatino ao Imperador: vão ainda hoje nas côrtes da Europa os altos empregados e magnatas, os embaixadores e representantes estrangeiros á complimentar ao rei e a real familia. Ruins palavras e más obras são ainda hoje, em muitas partes, como entãõ erão, evitadas por agouros infantis, cujo influxo o povo cria e cre' deverem forçosamente abranger á todo o anno.

Eis aqui, nos pareça, origens bem respeitaveis pela sua antiguidade.

A etymologia de Jano diz Ovidio que o proprio Jano lh'a explicára) é o nome *Janus porta*. A porta olha com uma face para a rua, com a outra para a casa. Jano olhi com um dos seus rostos para o tempo qu

dá castas, com o outro para o tempo que começa.

Este Jano de dois aspectos, um para trazer e encanecido, outro para diante, bonito e minúsculo, este deus velho e moço, levião e maduro, pacífico e terrível, morte e vida, sadade e esperança, e symbolo obsoleto de sapiencia, perdeo as aras onde lhe queimavão incensos e lhe dirigião votos; mas ainda agora, no seu dia vem invisivel infundir-se em nossos animos; e, em verdade, qual é o espirito que deixará neste dia de sentir-se, como que superior á si mesmo, e de certo modo endoado?

Abreando o preterito e o porvir, fundindo-o, vivendo-o, ainda e já, mistos um e outro no presente, quem não deseja então scaldas e passões em que nunca adverteira? quem não tece projectos, quem não encara esperanças com que nunca talvez sonharia?

Para nossa parte, pesares e saudades serenos, quer olhemos para o passado e avivámo, a lembrança dos lugares que vimos e percorremos, quer olhemos para o futuro, que nos separa de amigos claros e prestimosos; esperanças e projectos também temos, ao presente, com respeito ao nascimento e vida do humilde filho da imprensa, que hoje apresentamos á apreciação dos dignos habitantes desta amena provincia.

A penna. Sempre foi, e é, na mão do sabio o facho luminoso que esclarece o cahos da ignorancia, o oráculo d'um novo destino, e a arca santa que encerra os segredos de porvir.

Na mão d'um historiadór é o alvião com que revolva as ruínas, e picareta com que abre brecha nas tradições esquecidas, e a alavanca com que põe os seculos em movimento.

Na mão de uma mulher é a confidente de suas acções, a encobridora muitas vezes das suas faltas, e a trombeta que apregoa as suas virtudes.

Na mão de um necio é o vidro de aumento que faz mais visível o que elle vale, o operário que trabalha em seu próprio descredito.

Na mão de um estadista é ás vezes uma arma homicida, outras vezes um remédio heroico.

Na de um poeta é a varinha mágica que abre o palacio dos sonhos, a fonte inexgotável de que emanão loucas esperanças, que vão perder-se depois no oceano da vida.

A penna! Que é feito d'aquella que, adornada de missangas e seda, era o regalo da irmã carinhosa, ou da noiva agradecida? Que é da que se collocava n'um quadro, recordando já a assignatura d'um contrato antenupcial, já a paz entre dois exercitos inimigos, já a conclusão de uma obra que o publico cheio de enthusiasmo havia applaudido?

Se quizesseis, por curiosidade, possuir um exemplar, teríeis que basear-o no modesto gabinete de alguma antiga actriz de theatro, na escura biblioteca de algum cartorario esquecido, ou nesses immensos armazens de despojos chamados *boxes*, em q' cada civili-

zação deixa um farrapo, emblema do seu luxo, como outras tantas esquirolas arrancadas ao corpo social de suas duas feridas mais profundas: a miseria e a moda.

Mulheres rabequeiras. — Eis como as descreve um amigo nosso:

«Tenho assentado cá com os meus botões que a mulher de mão genio, ou como alguém lhe chama, rabequeira, é a praga maior que Deos Nosso Senhor Jesus Christo mandou a este mundo. O homem que se liza a um bichinho destes é o ente mais desgraçado que pisa neste valle de lagrimas. Amarrado a um pelourinho de tormentos elle pôde dizer talvez com mais razão do que Gonzaga:

Tudo muda neste mundo,
So a minha sorte não.

Não ha nem tem apparecido no mundo flagello algum mais ou menos oppressivo, que não tenha despertado a attenção dos sabios. Corações generosos, se não tem com seus escriptos, com seus discursos, afastado este mal da sociedade, dedicão-se ainda a destruir seus terríveis effeitos, a suavisar suas tristes consequencias. Assim vemos por toda a parte combatida a ferocidade das revoluções, os estragos da peste, a immoralidade dos suicídios.

Não nos consta, porém, que alguém se julgue assás forte para arrastar a tremenda arca de uma mulher; nem mesmo os Srs. homópatas que não recuão a explicar qualquer *mina* por mais extravagante que seja.

Escapa-se das revoluções, salva-se muita gente da peste, nem todo o mundo se suicida; mas qual é o ditoso que está livre da *furibunda arca* que o martyrisa, que o esmagalha? Nem um. Este mal, que a sciencia não quer ou não pôde combater, dura com a existencia, e ella é longa para esses *anginhos* criados por Deos, acalentados pelo *d'alo* para retalharem as entranhas dos pacíficos maridos que, seja dito de passagem, sempre a essas fúrias tocão por sorte umas excellentes creaturas.

Na esperança, porém, que a homópathia *salvadora da humanidade* não perderá a occasião de fazer uma nova experiencia em beneficio de uma parte muito interessante da sociedade, aventuro-me, por esclarecimento, apresentar alguns dados infalliveis, symptomas característicos, por onde communmente se conhecem as senhoras affectadas dessa terrível enfermidade, e a maneira de desenvolver-se.

Em primeiro lugar padecem este mal aquellas que tem o nariz um pouco arrebitado, a canella fina, cor morena; & & em segundo, as de physionomia languida, pallida, e algumas vezes com sardas, gosando pouca saúde, que todavia não as impede da frequencia constante do *theatro* e muito menos dos bailes, & &.

Desenvolve-se nas primeiras assim em febre á moda gota assanhada, que não larga os pobres maridos, nem de noite, nem de dia.

Nas segundas, é com uma meiguice, com uma docilidade que toea uma polidez extrema. Os offeitos, porém, são sempre os mesmos, e dizem os entendedores que as segun-

das são muito mais mortificantes. Especifica-me diser, que todo o homem *gordo* ou *paqueto* está infallivelmente ligado com o *ther rabequeira*, independente dos *signaes* que ficam marcados.

Tambem dizem que o nome do baptismo tem muita influencia n'estes ataques rabequeiros, fui desta opinião algum tempo, hoje, porém, suspendo (por ora) o meu juizo, porque um destes, que me era de particular zanguiha, está unido a um anjo de paz e de caudara; Deos o conserve para consolação do futuro. Amen.

Com estes dados, com a esperança infallivel de grande colheita — das bellas notas, — e principalmente com a nunca desmentida *philantropia* que anima os Srs. homópatas, se elles não metterem mãos á obra para neutralisarem pelo menos esta molestia, que alguns mesmos conhecem por experiencia propria, então nenhuma esperança restará aos miseros, senão o uso n'outra vida da bemaventurança, que sem divida alcançará, porque não é possível nem consta dos livros sagrados que haja dois infernos, um cá, e outro lá: — isso seria demais.

De resto, não pense alguém que traço estas linhas, porque minha santa companhia seja alguma — sirigaita assanhada rabequeira, — e que victima; tambem procuro desforra ou desabafo: isto seria injusto por não ser verdade.

A minha Sra. *Dona* é uma boa serva de Deos: nunca toca rabeça, principalmente quando está dormindo. Não é como alguns demoninhos que por ahí ha, que por divertimento dormem sempre agarradas ás orelhas dos maridos.

Em todo caso, confio na descripção do respeitavel; nestes negocios é sempre prudente alguma segredo, não porque eu tenha medo, digo com toda a coactura que não sou alguma fivela de estanho, mas é por certa circumstancia que não desajo que os outros saibão e nem offender ao meu dedicadissimo amigo Ambrosio Virginia.

Festas nacionaes. — O padre Castro Vianna, natural da provincia de Minas Geraes e poeta satyrico, eis como descreve as nossas festas nacionaes:

Méia dúzia de grizetas
Melancolica alvorada,
Uma missa mal cantada,
Por um velho e dous cambetas,
Um sermão de quatro petas,
Te-Deum comprido de mais
Cinco bombas desiguales,
Muito café, muito fumo,
Aqui tendes em resumo
Nossas festas nacionaes.

Variedade. — Sob este titulo publicamos um bonito escripto que servirá de norma á todos aquelles que, irreflectidamente, deixão de succorrer aos infelizes e necessitados que lhes vem bater á porta.

Para esse escripto pois remettemos o leitor.

